

GONÇALO M. TAVARES: OUTRO POETA- DRAMATURGO?

Alexandre Oliveira de SOUZA*

TAVARES, G. M. **O senhor Breton e a entrevista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

O senhor Breton e a entrevista é o oitavo título da série “O bairro” do poeta Gonçalo M. Tavares, de nacionalidade portuguesa (nascido em Luanda, Angola, em 1970). Inaugurou a série em 2002 com o livro *O senhor Valéry*. A editora Casa da Palavra edita esta série no Brasil desde 2005, além de outros livros do poeta – romances, contos, ensaios etc.

Para quem até agora só havia lido *O senhor Juarroz*, *O senhor Calvino*, *O senhor Walser*, e, além disso, observado atentamente os desenhos instigantes de Rachel Caiano (as ilustrações da série “O bairro” são assinadas por ela), ficava com a pergunta (ou mesmo a vontade de ver acontecer): esses personagens, tendo cada um sua morada específica, suas maneiras de viver, se encontrariam pelas ruas do “Bairro”, fariam visitas uns aos outros, seriam eles amigos ou mesmo inimigos? O desenho de Rachel Caiano mostra um bairro de prédios, com setas indicando a localidade do apartamento (ou casa, como no caso específico do senhor Walser: ele mora numa região fora do conjunto de prédios) de cada morador, pois muitos desses personagens-moradores do Bairro dividem o mesmo prédio ou moram na mesma rua.

Em *O senhor Breton e a entrevista*, podemos então ver os personagens-moradores se encontrando. O senhor Breton é um personagem revelador desta trama (ou drama?) chamada “O bairro”. Com o senhor Breton a série se mostra mesmo um grande enredo; um grande tecido textual se arma, se traça e se projeta. Com este livro o “Bairro” começa a ser um bairro do tipo “tradicional”, os moradores passam a conversar mais, os encontros surgem: Breton conversa com o senhor Kraus; relata suas idas à casa do senhor Juarroz e de sua esposa; se encontra com Duchamp em suas caminhadas; observa Valéry de sua janela; ouve a senhora Woolf batendo a porta do prédio ao sair; vê Eliot discursando no lugar de sempre do bairro.

* USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – São Paulo – SP – Brasil. 05508-900 – alexolisouza@yahoo.com.br

Esses encontros são reveladores desta trama chamada “O Bairro” – reveladores em que sentido? Os encontros ou as paisagens da memória do senhor Breton, apresentam outras características – ou **máscaras** – dos personagens intrigantes que são a esposa do senhor Juarroz e o próprio senhor Juarroz, o senhor Kraus. Gonçalo Tavares, ou melhor, o **narrador** de todas as estórias, poderia optar por silenciar suas vozes. Mas não, Juarroz não é só protagonista em sua história-vida-personagem, merecedora do título *O senhor Juarroz*, mas co-habita, con-vive, com outros personagens-moradores de seu bairro. Trocam informações, ideias, manias.

Com *O senhor Breton...*, deixa-se até mesmo de lado a imagem petrificada da primeira leitura daquilo que seria o senhor Juarroz, no momento em que supostamente ele é o protagonista: Juarroz em *O senhor Juarroz* convive praticamente apenas com sua esposa e sua casa (por exemplo, toda viagem programada é adiada, pelo excesso de peso da mala ou por acreditar que pode morrer de fome, passar frio, ou **apanhar uma das diversas angústias existenciais e higiênicas**). Mas ao ler *O senhor Breton...* vemos a casa do senhor Juarroz receber visitas do amigo chamado Breton. A esposa do senhor Juarroz confessa **intimidades domésticas** ao senhor Breton.

O Bairro é poeticamente projetado por Gonçalo M. Tavares; há um narrador que enlaça as tramas dos personagens e que se deixa misturar pelas vozes desses personagens. Uma entrevista só de perguntas, este é o ambiente quase integral do livro *O senhor Breton e a entrevista*. Ele mora sozinho em seu apartamento (ou melhor, **neste livro** ele está só em seu apartamento, afinal, nada se sabe do que está escrito ou por ser escrito em *O senhor Wittgenstein*, a vida de Breton pode ganhar novos contornos por meio da trama do senhor Wittgenstein ou do senhor Proust). Assim inicia o livro: “Ia começar a entrevista. O senhor Breton sentou-se, pegou um cigarro, fumou um pouco. Ligou o gravador. Começou a entrevista” (TAVARES, 2009, p.7).

O livro divide-se em dez perguntas e nenhuma dessas perguntas encontra respostas na voz do senhor Breton, este só exerce o papel de entrevistador, busca somente deixar a pergunta em aberto. Só ele e seu gravador – pergunta puxa pergunta, como se de um verso surgisse outro. O senhor Breton, assim como outros personagens de Gonçalo M. Tavares, é cheio de ideias, lançador de perguntas; a ironia e o humor são outras características que percorrem esses poemas em prosa. Prosa poética presa ao mundo, ao cotidiano, que apresenta personagens em seus espaços domésticos, indagando sobre questões da ordem do dia, problemas existenciais, éticos etc., como no caso do senhor Juarroz ou como o senhor Breton indagando sobre a arte, a poesia e a si próprio. Gonçalo M. Tavares cria vários jogos poéticos, todos os seus personagens-moradores são também narradores de suas questões e dilemas filosóficos, muitas vezes apresentados em tom de absurdo,

mas que só sendo ingênuo para não perceber a **seriedade** em meio ao sorriso de seus personagens.

Os apartamentos (ou a casa do senhor Walser) são o abrigo dos personagens, a morada do ser, da linguagem. Uma poética do Bairro, da relação entre ser e linguagem em múltiplas dimensões (“[...] entre a literatura e a vida, quem é a lâmpada e a luz e quem é o inseto que por ela é atraído, senhor Breton?” – (TAVARES, 2009, p.46)):

‘CONTINUEMOS, SENHOR BRETON – já que teve ocasião de vislumbrar, mesmo que só à distância, a casa do senhor Walser –, continuemos nos cuidados e nas reparações do assoalho. Minha questão está relacionada com o fato de as tábuas, no geral, se soltarem e desgastarem com muita frequência. E o chão do mundo não é outra coisa senão isto: um chão que pode se saltar’ (TAVARES, 2009, p.39).

O chão, a vida, ambos passíveis de rachaduras, assim como a linguagem. Falha o mundo, falha a linguagem e, além de tudo, ambos suspendem-se (com a morte): “Mas voltemos à questão, senhor Breton – deixe-se de rodeios, por favor! –, diga-me, por favor: atendendo a certos nomes, não se pensa de imediato em certos acontecimentos?” (TAVARES, 2009, p.40). Ao invés de ligar palavra à coisa, como se cada coisa já estivesse etiquetada por uma palavra, antes está a palavra, e seu “significado”, ligada ao uso, ao acontecimento. O significado surge da situação. O senhor Juarroz, por exemplo, é um tipo de pessoa que não gosta de se submeter à ditadura das palavras, então todos os dias dá um nome diferente aos objetos. Passa metade do dia criando novos nomes e a outra metade descansando, pois a tarefa é cansativa. Este tipo de postura é semelhante ao exercício filosófico de Ludwig Wittgenstein (não sei se o “senhor Wittgenstein”, um dos moradores do Bairro, aceita tal opinião), que também cria diversos tipos de jogos de linguagem, alguns, inclusive, que se desviam da gramática normativa (com estruturas gramaticais diferentes), pois, não existindo a linguagem, logicamente perfeita, podemos enfraquecer o preconceito e o dogmatismo de que a nossa gramática seja a correta ou a melhor. Os jogos de linguagem surgem em meio às formas de vida, em seus contextos e práticas linguísticas que compartilham de um mesmo código geral da gramática, mas que não é estático nem definitivo, pois não há uma propriedade comum a toda a linguagem, uma essência que a defina e que nos permita deduzir sistemas gerais a partir de casos (contextos) particulares.

Com isso, começam a surgir muitas direções para as críticas que Gonçalo M. Tavares desenvolve com suas histórias. Seus poemas em prosa, aforismáticos, lançam bombas no mundo científico, ao excesso de **vontade** (vontade **de novo**, necessidade, vontade de vontade). Em muitos de seus personagens há um cansaço, um tédio, aliados à ironia. Gonçalo Tavares não cansa de fazer piadas em torno do cientificismo, da pretensão lógica e dos exageros do intelectualismo, seja acadêmico, político, artístico etc.

Há uma multiplicidade de pontos de vista (**pontos de mundo**) em sua poesia, pois ele busca sempre olhar através de vários ângulos uma mesma questão, e em cada um de seus personagens ele explora suas invenções, suas histórias, seus jogos poéticos. O senhor Juarroz gostaria de criar um interruptor que ligasse a escuridão. O senhor Kraus queria uma ciência que analisasse o QI dos mortos, o senhor Duchamp andava obcecado por criar um mapa do tempo.

Um criador de personagens, ou melhor, um re-criador. Não sei o que o poeta acharia deste comentário, mas não seria possível dizer que Gonçalo Tavares coloca em movimento um **tipo de heteronimização**? A mão que escreve e cria os personagens muda de temperamento, de humor, muda de nome, residência, nascimento, família, gostos e manias. Os personagens assumem tons poéticos diversos; a poética muda; a postura diante da arte, por exemplo, se modifica; aquilo que pensam sobre o mundo transmuta, podendo até dialogar um com o outro. Um personagem pode desmentir o outro ou mesmo mentir sobre o outro. Os personagens-moradores – Senhor Breton, Senhor Brecht, Senhor Calvino, Senhor Kraus, Senhor Walser, Senhor Juarroz etc. – são **mundos poéticos diversos**.

Outra leitura a ser feita dos livros-personagens de Gonçalo M. Tavares é a relação de suas criações poéticas, seus personagens, com os nomes-autores referidos: Paul Valéry, Roberto Juarroz, Italo Calvino, André Breton – o surrealismo, a escrita automática, por exemplo, e sua relação (na diferença ou semelhança) com a prosa do senhor Breton.

